

BOURDIEU E OS MOVIMENTOS SOCIAIS
***Uma Sociologia Neoestruturalista dos Movimentos
Sociais***

Humberto Júnior*

Dentre os sociólogos contemporâneos, cabe destaque para Pierre Bourdieu. Ele, tal como outros grandes nomes da sociologia contemporânea, como Anthony Giddens e Zygmunt Bauman, recebe não só reconhecimento mundial como possui uma vasta obra que influencia variados setores da pesquisa e não só no âmbito da sociologia. Os movimentos sociais, por sua vez, é um tema emergente que cada vez mais espaço desde os anos 1960 e ganha novos contornos da contemporaneidade. Por isso, a abordagem de Bourdieu sobre os movimentos sociais seria de grande valia para a sociologia desse fenômeno. Contudo, Bourdieu não desenvolveu grandes reflexões e pesquisas

* Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo.

sobre os movimentos sociais. Ele tocou em alguns temas caros para a discussão sobre os movimentos sociais, como a chamada “dominação masculina” ou sua última fase quando trabalha com questões relacionadas ao movimento dos desempregados, ou mesmo discussão sobre movimentos sociais. No entanto, ele não produziu em relação aos movimentos sociais uma obra ou pesquisa da amplitude de seu trabalho sobre arte (1996), por exemplo.

O nosso objetivo aqui é analisar a contribuição que a sociologia de Bourdieu pode trazer para uma análise sistemática dos movimentos sociais. Não buscaremos nos poucos artigos que ele aborda movimentos sociais uma sociologia desse fenômeno e sim em sua base teórica. A razão disso remete tanto a quantidade pequena de referências aos movimentos sociais e sua pouca sistematicidade, especialmente se compararmos com suas concepções a respeito de outros fenômenos, bem como por considerar que algumas referências que ele faz aos movimentos sociais, concretamente, tal como no artigo *Por um Movimento Social Europeu*, pois ele trata muito mais de sindicalismo do que de movimentos sociais propriamente

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[7]

dito. Sendo assim, vamos trabalhar uma concepção de movimentos sociais que seja adequada ao pensamento de Bourdieu, que qualificamos como neoestruturalista¹. Desta forma pensamos em contribuir com a constituição de uma sociologia neoestruturalista dos movimentos sociais.

O Campo dos Movimentos Sociais

O que são movimentos sociais? Bourdieu não desenvolveu nenhuma reflexão conceitual sobre os movimentos sociais. Seria em vão procurar em sua obra tal definição. Então onde poderíamos encontrar uma definição de movimentos sociais? Poderíamos partir da definição da abordagem institucionalista (VIANA, 2017), também chamada de “teoria da mobilização de recursos” (ALONSO, 2009; GOHN, 2002), segundo a qual “um movimento social é um conjunto de opiniões e crenças em

¹ Não vamos poder desenvolver isso no presente trabalho, mas podemos dizer, sinteticamente, que Bourdieu inicia sua produção intelectual próximo ao estruturalismo de sua época e depois de Maio de 1968, com a crise dessa concepção, ele desenvolve uma forma nova que busca incorporar o que alguns denominam “sujeito”, “ator”, etc. Por isso o seu estruturalismo é de novo tipo e assim pode ser chamado de neoestruturalismo.

uma população que manifesta preferência pela mudança em alguns elementos da estrutura social e/ou na distribuição de recompensas em uma sociedade”. Essa definição traz alguns elementos que vamos desenvolver adiante e que são úteis. Mas em sua totalidade, é problemática, pois reduz o movimento ao nível das ideias (conjunto de opiniões e crenças), elemento que, inclusive, os autores e sua escola não trabalham, já focalizam as “organizações dos movimentos sociais”.

Outra definição, embora tenha outras versões um pouco diferenciadas, é a da abordagem neoinstitucionalista (VIANA, 2017), também conhecida como “teoria do processo político” (ALONSO, 2009; GOHN, 2002), entre outras denominações: “Um movimento social é uma interação sustentada entre pessoas poderosas e outras que não têm poder: um desafio contínuo aos detentores de poder em nome da população cujos interlocutores afirmam estar ela sendo injustamente prejudicada ou ameaçada por isso” (McADAM, TARROW, TILLY, 2009). Essa definição já peca por ser excessivamente ampla e não tem capacidade de distinguir entre movimentos sociais e outros fenômenos

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[9]

sociais (classes, partidos, grupos políticos, entre diversos outros).

Uma terceira definição de movimento social pode ser resgatada na abordagem culturalista (VIANA, 2017),, mais conhecida como “teoria dos novos movimentos sociais” (ALONSO, 2009; GOHN, 2002). Porém, essa escola é variada e não há maior unidade e homogeneidade no seu interior e por isso são vários as definições de movimentos sociais no seu interior. Utilizaremos a definição de Alain Touraine, pois ele é um dos principais representantes dessa abordagem:

Touraine propõe que o conceito de movimento social implica a combinação de três princípios, a saber: um princípio de identidade (que é a definição do ator por ele mesmo); um princípio de oposição (o ator identifica um adversário); e um princípio de totalidade (que é a participação no sistema de ação histórica). Dessa forma, o que caracteriza a existência de um movimento social são os três elementos derivados destes princípios: o ator, seu adversário e o que está em jogo no conflito (PICOLOTTO, 2007, p. 161).

Aqui temos um problema parecido com a definição da abordagem neoinstitucionalista². Além de extremamente ampla e englobar uma grande variedade de fenômenos, essa definição carece de apontar para elementos da estrutura social e das relações sociais, ficando numa abordagem subjetivista. O sistema de ação histórica é um elemento mais social e estrutural, mas, no entanto, não possui maior objetividade e concreticidade.

Uma outra definição de movimentos sociais é a marxista. Assim, segundo Jensen (2014), os movimentos sociais são “movimentos de grupos sociais”. Essa concepção é desenvolvida por Viana (2016) e ganha maior concreticidade, especialmente pelos desdobramentos que o autor apresenta (definição e diferenciação dos grupos sociais, ligação destes grupos com a questão da situação e insatisfação, a questão da mobilização, objetivos e senso de pertencimento). Essa definição se aproxima mais dos objetivos e de uma concepção neoestruturalista e por isso

² Uma crítica a estas três concepções, consideradas por muitos como as principais correntes de análise sociológica dos movimentos sociais, pode ser vista em Viana, 2017.

vamos resgatar alguns elementos dessa concepção para constituir a nossa definição neoestruturalista de movimentos sociais.

O que são movimentos sociais? A partir da perspectiva neoestruturalista podemos afirmar que os movimentos sociais são vários campos de ação social que possuem subcampos. Aqui se torna importante resgatar a concepção de campo de Pierre Bourdieu. Segundo este autor, os campos são “espaços estruturados de posições (ou postos) cujas propriedades dependem de sua posição nesses espaços e que podem ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)” (BOURDIEU, 1980). Não custa recordar que, para Bourdieu, existem leis gerais que perpassam todos os campos e leis específicas de cada campo (BOURDIEU, 1989; 1994). Nesse sentido, os movimentos sociais podem ser entendidos como movimentos de grupos sociais (JENSEN, 2014; VIANA, 2016) que constituem um campo, o dos movimentos sociais. Esse campo, dos movimentos sociais, por sua vez, não é uma coisa homogênea e unitária, pois existem vários movimentos sociais com suas

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[12]

especificidades, tal como o movimento negro, o movimento das mulheres, o movimento ecológico, o movimento estudantil, entre outros. Cada um desses movimentos sociais é um subcampo do campo geral que engloba todos eles.

Esse campo dos movimentos sociais é constituído como um espaço estruturado de posições. Mas é preciso avançar em outros elementos para que seja possível uma sociologia neoestruturalista dos movimentos sociais. Por isso é preciso resgatar outros conceitos de Bourdieu, especialmente os conceitos de *habitus* e de capital. Cada campo possui uma disputa nesse espaço estruturado de posições, e os agentes no seu interior são portadores de capitais (cultural, linguístico, social, econômico) e para adentrarem ao campo precisam adquirir o *habitus*. Essas posições são hierárquicas e marcadas por disputas, no quais os agentes dominantes buscam a conservação e os agentes dominados buscam a alteração na relação passando a posição dominante.

Assim, o campo pressupõe uma certa autonomia, uma dinâmica própria. Nesse caso há o estabelecimento de

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[13]

um conjunto de normas, regras, esquema de percepção e classificação de cada campo. Assim, quando o agente se insere num determinado campo, ele precisa apreender essas normas, regras, esquema de percepção e classificação. Daí assume importância o conceito de *habitus*, que é “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas” (BOURDIEU, 1980, p. 65). O conceito de *habitus* permite perceber a articulação entre campo e agente, o que é um avanço em relação ao estruturalismo, ao ir além do “sistema” ou da “estrutura”.

Assim, o campo é um espaço de disputa no qual os agentes possuem *habitus* e distintos capitais para efetivar a luta no interior de cada campo. O capital econômico é o conjunto de propriedades que o agente possui, podendo ser terras, fábricas, trabalho, dinheiro, patrimônio em geral, bens materiais. O capital social é a rede de relações sociais do agente e que ele pode usar para conseguir melhorar sua

condição de disputa no interior do campo. O capital cultural, no seu estado incorporado, é o conjunto de saberes e códigos que o agente possui, sendo saberes considerados apropriados e legítimos³, e, no seu estado objetivado, é o conjunto de bens culturais que ele possui, como livros, esculturas, etc. O capital simbólico é o prestígio e honra vinculado ao agente.

Desta forma, é possível perceber que o campo dos movimentos sociais é caracterizado por ser um espaço social de disputas internas e externas. Aqui é necessário acrescentar um novo conceito, que é o de estrutura social. Esse conceito é de uso amplo nas ciências humanas em geral e na sociologia em particular, mas, no entanto, perdeu sua usabilidade nas últimas décadas. Em Bourdieu não há um conceito de estrutura social, embora seja possível pensar que, para este autor, a estrutura social seria o conjunto de campos que forma a sociedade. Porém, se a estrutura social for o conjunto de campo, então se confunde com o todo que é a própria sociedade. Por isso apontamos

³ E aqui é possível acrescentar o capital linguístico, tal como o domínio da norma culta.

para uma outra concepção de estrutura social. Consideramos que estrutura social é constituída pelos campos determinantes na sociedade, ou seja, o campo econômico e o campo político. Esses dois campos, que formam a estrutura social, são importantes para compreender o campo dos movimentos sociais.

Na disputa interna do campo dos movimentos sociais, é possível verificar uma disputa no campo dos movimentos sociais, no seu conjunto, ou no interior de cada subcampo. Sem dúvida, no plano mais geral, com relações menos estruturais, a disputa possui menos importância, embora, por exemplo, haja uma disputa por recursos, como coloca a abordagem institucionalista (McCARTHY; ZALD, 2017).

A sociologia neoestruturalista dos movimentos sociais tem mais para contribuir ao trabalhar a disputa em cada subcampo que é cada movimento social específico. No interior do movimento feminino ou do movimento negro, para ficar em apenas dois exemplos, há uma disputa

interna⁴. No movimento feminino, quem detém a posição dominante são as mulheres com o maior capital econômico, social e cultural⁵, bem como no movimento negro. Da mesma forma, o pensamento crítico e contestador emerge do lado de quem está na posição de dominado dentro do campo do movimento feminino (e igualmente, dos demais movimentos). No movimento feminino francês, Simone de Beauvoir detinha a posição dominante enquanto o existencialismo era forte em nível social em geral (o que significa que é preciso perceber a estrutura social e a

⁴ Um dos poucos autores que dá a devida importância para a disputa interna nos movimentos sociais específicos é Viana (2016), mas numa perspectiva marxista, quando, por exemplo, distingue as tendências no interior dos movimentos sociais “reformistas” (além destes, que são a maioria, haveriam os movimentos sociais conservadores e os revolucionário, raros e com menos força, bem como com outra forma de agir), três tendências: conservadores, reformistas e revolucionários. Em termos de Bourdieu, isso pode ser reinterpretado com uma oposição entre dominantes (reformistas) e dominados (conservadores e revolucionários).

⁵ Recordando aqui que isso é no interior do movimento feminino e não no interior do grupo social das mulheres, pois os movimentos sociais são movimentos de grupos sociais, mas, como já alertava Viana (2016), não é todo o grupo social que participa do movimento e sim apenas o seu núcleo ativista. No que se refere ao grupo social das mulheres, em sua totalidade, a posição dominante se desloca para as mulheres com maior capital em geral e não apenas entre as ativistas.

sociedade em geral, sem isolar os movimentos sociais). Martin Luther King era dominante no movimento negro e somente em um momento de radicalização geral alguns dominados, como os Panteras Negras, conseguiram maior espaço e expressão.

Um elemento importante para ressaltarmos é que as relações de poder e as disputas no interior de cada subcampo, bem como o *illusio* que emerge no seu interior. A criação do *habitus* dos movimentos sociais em geral convive com suas manifestações específicas em cada movimento particular. Um jovem militante já começa a descobrir os mecanismos de ação, a linguagem, o repertório⁶, as divisões internas, entre outros processos. Para assumir a posição de liderança, o que em muitos casos significa possuir cargos, o indivíduo precisa adquirir o *habitus* e possuir capital, mesmo que não seja o capital cultural do campo acadêmico (embora elementos dispersos do mesmo sejam usados e fazem parte do conjunto do que é exigido no campo dos movimentos sociais). As disputas

⁶ Nesse aspecto, Charles Tilly (ALONSO, 2012) traz uma contribuição importante.

são pela liderança e se manifesta como se fosse uma luta por ideias e projetos⁷. Assim, o feminismo liberal se defronta com o feminismo radical e esse confronto de ideias e repertórios é, simultaneamente, uma disputa por posições, reconhecimento, poder de influência, bem como, marginalmente, o feminismo “classista” aparece marginalmente, trazendo outro repertório, mas fazendo parte do jogo e usando suas regras e elementos do repertório geral.

Aqui cabe destacar a questão do *illusio*. Bourdieu usou esse termo com significados diferentes em contextos diferentes. A fonte de Bourdieu foi Huizinga (AGUIAR, 2017), que usa *illusio* no sentido de estar no jogo e se envolver com ele, levando-o a sério. Desde sua ligação com fetichismo e crença, até chegar à proximidade com o termo “interesse”, a evolução do conceito mostra seu vínculo cada vez mais estreito com as dinâmicas dos vários campos. Mas, mesmo que homologamente, a *illusio* cumpra com o

⁷ Sem dúvida, existe uma influência do campo político no campo dos movimentos sociais, tais como partidos, sindicatos, governos. Nesse caso, é possível ver que a disputa interna tem uma maior influência externa do que em outros campos.

mesmo papel em todos os campos, ela possui sua especificidade. O *illusio* remete nas últimas obras de Bourdieu, ao interesse.

Com essa opção, o autor afirma seu propósito de demarcar uma distância clara das interpretações que tomam o interesse como universal, atemporal e trans-histórico – próprias das visões economicistas e utilitaristas –, circunscrevendo seu significado e sentido a universos sociais delimitados, os campos. Cada campo – espaço social relativamente autônomo, caracterizado por disputas entre seus participantes, que giram em torno de determinados capitais "requer e aciona uma forma de interesse, um investimento, uma *illusio* específica', que expressa o reconhecimento tácito de seus participantes no valor do que ali está em jogo (AGUIAR, 2017, p. 231).

Para Bourdieu, “a noção de *illusio* representa de forma mais rigorosa, e portanto, mais fiel, o sentido que ele sempre atribuiu àquela de interesse”. Assim, segundo ele, "Quando eu digo interesse [...] me refiro sempre a interesse específico, um interesse socialmente constituído e que só existe em relação a determinado espaço social, no qual certas coisas são importantes e outras não" (apud.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[20]

AGUIAR, 2017, p. 231). Assim, cada campo gera especificidades, um *habitus* específico, um capital específico e uma *illusio* específica:

O surgimento de campos relativamente autônomos deriva da divisão social do trabalho (Durkheim) ou da diferenciação das atividades sociais (Weber). Os campos mais autônomos são aqueles que definiram uma lógica própria irreduzível à de outros campos ("nomos"): "a arte pela arte", "negócio é negócio", etc. Tal lógica peculiar convoca e torna ativa uma "*illusio*" específica: reconhecimento tácito do valor dos interesses envolvidos no campo. O pertencimento ao campo pressupõe, além do domínio prático das regras e regularidades que definem o seu funcionamento normal, um senso do jogo e de suas implicações (um "*habitus* específico"), assim como a detenção de recursos eficientes no campo: "capital específico", que é uma arma nas lutas internas ao campo e, ao mesmo tempo, o pretexto dessas lutas (o valor do capital econômico, do capital cultural, do capital social, etc., varia de acordo com os campos). Os limites do campo estão em jogo nas lutas internas ao campo, onde se trata de levar ao reconhecimento de uma definição de pertencimento, de impor um "direito de entrada" informal ou institucionalizado, além de lutas externas entre os campos (a imposição, ao Estado, de critérios de racionalidade econômica

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[21]

traduz, por exemplo, o predomínio crescente do campo econômico em relação ao campo político) (MAUGER, 2017, p. 46).

É preciso entender que cada campo produz sua *illusio* específica e, para nós, o que interessa aqui é qual é a *illusio* do campo dos movimentos sociais. No campo dos movimentos sociais, uma especificidade do capital cultural é o repertório, conjunto de práticas e discursos ativistas dos agentes desse campo, que também faz parte de seu habitus específico. Partindo de Tilly, mas integrando sua concepção na sociologia neoestuturalista, podemos entender o repertório como fórmulas, saberes, práticas, que são usadas constantemente nas disputas internas e demandas externas do campo dos movimentos sociais. O repertório interno é o das disputas internas, que tem elementos comuns com o externo, mas há também diferenciações. O repertório externo tem mais a característica de justificar e legitimar as demandas e reivindicações do movimento social específico diante da sociedade.

Por exemplo, o discurso do pertencimento ao grupo é um elemento do repertório e por isso quem não é mulher,

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[22]

negro ou estudante não deve participar do movimento feminino, negro ou estudantil. Essa retórica é utilizada tanto nas disputas internas como externas. Por exemplo, numa reunião de um coletivo feminista, que é parte do movimento feminino⁸, pode se chegar ao consenso que apenas mulheres devem participar das reuniões e a presença de homens pode ser recusada, mesmo que de apoiadores e simpatizantes. Isso promove distintas posições, pois outras organizações podem aceitar a presença e colaboração masculina. Nas

⁸ Aqui adotamos a distinção de Viana (2016) entre feminismo, como um conjunto de ideias formuladas, seja como ideologias ou doutrinas, e movimento feminino, que engloba todas as manifestações femininas, o que é bem mais amplo. O feminismo, no caso do movimento feminino, funciona como capital cultural e como *illusio*, ou seja, elementos nas disputas pelo poder internamente e de legitimação externa, mas nem todas as mulheres, organizações, mesmo que realizando reivindicações femininas, se autodeclaram ou aceitam esse capital cultural e essa *illusio*. O feminismo, por conseguinte, seria a posição dominante no movimento feminino, e isso se impõe, englobando os setores mais marginais (o “feminismo anarquista”, “feminismo marxista”). E é a posição dominante por possuir esse capital cultural superior que se tornou sua *illusio*, ou seja, o capital cultural expresso pelas ideologias feministas, produzidas no campo acadêmico, se tornou não somente o capital específico para a maioria das organizações e lutas de mulheres, especialmente as da melhor posicionadas na estrutura social, como se tornou, internamente (mas não externamente, pois aí há mais questionamentos), a *illusio*, ou seja, o sistema de valores e crenças que legitimam o pertencimento ou deslegitimam a pretensão de pertencimento.

disputas externas, os debates e discussões públicas são lugares nos quais o discurso do pertencimento ao grupo se torna arma de combate e de deslegitimação do discurso alheio, não por ele, em si, mas sim por ser proferido por alguém externo ao grupo (e, nesse caso específico, do grupo “oposto” e “opressor”)⁹.

Porém, isso é diferente em outros setores do movimento. Alguns setores marginais podem recusar a *illusio*, mesmo que ambigualmente. Esse é o caso do

⁹ Esse discurso é tão poderoso internamente e forte no campo acadêmico que atingiu até mesmo Bourdieu (2003), em sua obra *A Dominação Masculina*. Bourdieu mobilizou seus conceitos para explicar as relações entre homens e mulheres e não foi muito feliz em sua tentativa. O motivo para isso é que, podemos supor, devido a força desse discurso nos meios acadêmicos e no campo do movimento feminino, Bourdieu se descuidou e caiu na *illusio* desse campo. Claro que a situação da mulher na sociedade moderna e elementos reais também apontam para se pensar numa “dominação masculina”, mas é curioso como Bourdieu desconsidera o papel do capital econômico, social e cultural nesse processo e acaba incorporando o discurso feminista, criando uma dicotomia entre homens e mulheres como se isso fosse um “campo” e o homem fosse o “dominante” nesse campo. A relação entre homens e mulheres não formam um campo e sim relações transversais, marcadas pela opressão, conflito, solidariedade, etc., que somente com muito exagero se poderia querer encontrar homologia com os campos. Daí a importância do conceito de relações transversais para a sociologia neoestruturalista superar os limites da sociologia de Bourdieu.

feminismo anarquista ou marxista. O feminismo anarquista busca unir a *illusio* do movimento feminino com a *illusio* do movimento operário, e daí o nome adotado por algumas organizações de “feminismo classista”. Sem dúvida, o anarquismo se fundamenta num capital cultural baixo e por isso suas criações são mais simplórias e com menor fundamento e rigor. No fundo, o “classista” é um empréstimo do marxismo e através de uma má compreensão. É o marxismo que desenvolve uma teoria das classes sociais e das lutas de classes e o anarquismo nunca avançou muito nessa discussão (como, de resto, em nenhuma outra) e a oposição anarquista ao feminismo, ao se intitular “classista” apenas confirma isso. Para o marxismo, e como deveria ser para esse anarquismo que, mesmo sem o domínio teórico, eleva a questão das classes sociais a um grau elevado de importância, todo feminismo é de classe (logo, “classista”) e essa é uma afirmação sem sentido. Um marxista, se preferisse deixar de usar “feminismo marxista”, denominaria “feminismo proletário”, pois o que os anarquistas pretendiam é mostrar que seu feminismo se fundamenta em classe e não em

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[25]

“guerra dos sexos”, mas isso é uma oposição ao discurso feminista e não ao real e ao concreto, que é o que faz o marxismo.

Mas isto é diferente em outros movimentos sociais. A *illusio* do pertencimento é forte e poderosa no movimento negro, feminino, homossexual, entre outros, mas não consegue ser naqueles movimentos que giram em torno de uma causa social, que tem por base “grupos culturais” (VIANA, 2016). O pertencimento ao grupo, no caso do movimento ecológico, pacifista, tem menos peso, por não ter no corpo a sua marca, ou sua “grife”. Qualquer um pode ser ecologista, pacifista ou defensor dos “direitos dos animais”. Tanto negros quanto brancos, homens e mulheres, altos e baixos, podem resolver se tornar defensor da paz e ser contra a guerra.

No entanto, o movimento ecológico é mais adequado para tal discussão, pois ele é mais desenvolvido e, assim, o seu subcampo é mais estruturado. Os dominantes no campo do movimento ecológico são, obviamente, aqueles que possuem maior capital (econômico, social e cultural) e, desta forma, os agentes das grandes

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[26]

organizações (como o Greenpeace), os partidos verdes, os grandes intelectuais, é que são os dominantes e constroem a *illusio* do subcampo. É preciso ter em mente que, para a sociologia neoestruturalista, a *illusio* não é algo “natural”, “verdadeira”, e sim uma produção social, que move os intelectuais (e mostra sua relação com o campo acadêmico), os agentes do campo (especialmente os possuidores de maior capital e isso é ainda mais forte em sua formação, pois depois de formado é possível a adesão, parcial ou total, de outros setores), entre outros processos.

Por outro lado, a sociologia neoestruturalista já aponta esses elementos com maior criticidade do que presente na obra de Bourdieu¹⁰. Essa criticidade tem elementos em suas análises, mas muitas vezes ele parece compartilhar da *illusio* de cada campo (e do campo dele, principalmente, tal como quando ele se engajou mais nas lutas sociais e defendeu a ideia de que são os cientistas que

¹⁰ E por isso seria possível distinguir a sociologia neoestruturalista de Bourdieu e a sociologia neoestruturalista crítica, que é bourdiesiana, mas que vai além desse grande sociólogo ao ter mais criticidade e buscar preencher algumas lacunas e resolver alguns problemas de sua concepção.

devem cuidar da ciência e resolver seus problemas). A sociologia neoestruturalista é pós-bourdiesiana, mas seu ponto de partida é a obra de Bourdieu, que era um neoestruturalista, mas ainda preso na sua própria teoria dos campos. A explicação sociológica para isso é que ele se identificava com a posição dominante dentro do campo científico e a sociologia neoestruturalista é crítica, por se distanciar do campo, não reproduzindo sua naturalização e versão da realidade, bem como por se identificar preferencialmente com a posição dos dominados e não dos dominantes, apesar de não poupar os dominados que somente querem se tornar dominantes e reproduzir a dominação. Em outras palavras, a sociologia neoestruturalista crítica é extracampo na análise dos campos e na posição política diante dos campos e seus agentes em disputa.

E essa criticidade em relação à *illusio*, mais particularmente, podemos retirar da ideia de violência simbólica que ele trabalhou em sua clássica obra *A Reprodução* (BOURDIEU; PASSERON, 1982). Sem dúvida, existe a especificidade do campo acadêmico e a

relação desigual entre os agentes (professores e alunos). As relações no interior do campo dos movimentos sociais não são formalizadas e regulamentadas e não há uma relação de poder, da mesma forma que ocorre no âmbito das universidades, por exemplo. Contudo, a violência simbólica é legítima, aceita pela quase totalidade dos estudantes. A imposição de um arbitrário cultural é algo relativamente aceito. Os que não aceitam pagam as consequências. No caso dos movimentos sociais, há semelhanças e diferenças. Não existe o uso de nota, a obrigação de leituras, a presença obrigatória, mas existem formas mais brandas (em algumas situações, nem tão brandas assim) de penalidade, controle, mecanismos de exclusão e deslegitimação. Aqueles que possuem posição dominante no campo dos movimentos sociais são os que conseguem impor um arbitrário cultural, que ao mesmo tempo legitima sua dominação e reprodução. Eles criam a *illusio* específica e no interior dessa um sistema de valores fundamentais e a crença que constroem os indivíduos que discordam, seja forçando o silêncio e a omissão, a opção da maioria dos discordantes, seja forçando a marginalização.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[29]

O movimento ecológico expressa isso, bem com todos os outros movimentos sociais. A ideia de “sustentabilidade”, por exemplo, não faz parte da *illusio* específica do subcampo do movimento ecológico, mas, sem dúvida, é uma ideia poderosa que foi imposta, como um arbitrário cultural, a um grande setor do movimento e assim ganhou espaço e se tornou uma posição dominante dentro do campo. Os agentes da posição dominante exercem uma “ação pedagógica” – entendendo esse termo num sentido mais amplo e além do processo educacional, como inculcação de habitus e repertórios – sobre os demais agentes do campo, realizando uma violência simbólica ao impor o seu arbitrário cultural.

Um último elemento importante para uma sociologia neoestruturalista dos movimentos sociais é a relação entre estrutura social e movimentos sociais. A estrutura social é, como já colocamos anteriormente, o elemento fundamental do conjunto de campos que constituem uma sociedade, ou seja, os seus campos determinantes. Estes são o campo econômico e o campo político. Os demais campos são poderosos e influentes, mas

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[30]

esses dois exercem uma determinação mais forte sobre o conjunto da sociedade e é onde se encontra o processo de produção dos meios de sobrevivência, mercado e suas relações de trocas generalizadas, o poder do dinheiro, o acesso a bens materiais, culturais, entre outros. O campo político é a instância da elaboração das leis, do parlamento, do jogo partidário, dos governos e suas máquinas administrativas, e, como o Estado faz parte desse processo todo, é fonte de recursos financeiros, controle, etc.

Os movimentos sociais, aparentemente, estão distantes do campo econômico. Na abordagem marxista, isso é questionado¹¹. A partir da perspectiva da sociologia neoestruturalista, a força do mercado, do dinheiro, bem como a busca de recursos (e de capital econômico), não podem ser desconsiderados em seus impactos sobre o campo dos movimentos sociais, tanto em âmbito geral, em suas disputas externas, quando interno de cada movimento

¹¹ Viana (2016) trabalha com a ideia de mercantilização e regime de acumulação, conceitos com os quais explica a força do “modo de produção capitalista” sobre os movimentos sociais. A abordagem institucionalista, sob outra forma, também trata da relação do campo econômico e do campo dos movimentos sociais.

social específico¹². A posição dominante no interior de um movimento social é a daqueles que possuem um maior capital econômico, o que mostra a força do campo econômico sobre o campo dos movimentos sociais.

Por outro lado, os movimentos sociais não parecem tão distantes do campo político. A sua relação com o Estado foi enfatizada pela abordagem neoinstitucionalista (TARROW, 2009) e é evidente, embora com bastante complexidade (VIANA, 2016). O jogos dos partidos políticos, as políticas dos governos (sob várias formas), o impacto das leis, a repressão, as “oportunidades políticas”, as ideologias políticas, entre diversos outros elementos do campo político atingem diretamente o campo do movimentos sociais, que muitas vezes age em relação ao estado e partidos, sendo que alguns se tornam atrelados a eles (VIANA, 2016), bem como algumas organizações passam para o campo político (os partidos verdes emergem do movimento ecológico e depois mudam de mala e cunha

¹² Aliás, Bourdieu e Wacquant (2001) apontaram para isso ao mostrar a ação da Fundação Ford, entre outras, na produção intelectual associada ao campo dos movimentos sociais.

para o campo político), o que significa que mantém a relação de influência sobre o movimento, mesmo que afastado dele.

Assim, a estrutura social tem forte impacto sobre o campo dos movimentos sociais. Uma relação complexa é estabelecida entre os campos da estrutura social e o campo dos movimentos sociais. A compreensão do campo dos movimentos sociais, de um movimento social específico ou suas organizações, requer uma análise e entendimento dessa relação, além da dinâmica interna já aludida anteriormente.

Considerações finais

O nosso objetivo foi apresentar as contribuições de Pierre Bourdieu para uma sociologia neoestruturalista dos movimentos sociais e, para tal, lançamos mão de suas contribuições e esboçamos algumas inovações para complementar e constituir uma perspectiva crítica. Consideramos que esboçamos uma sociologia neoestruturalista crítica dos movimentos sociais e atingimos nossos objetivos. Isso, no entanto, é apenas um ponto de partida e, como tal, deu o primeiro passo para o

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[33]

avanço da sociologia neoestruturalista dos movimentos sociais.

Referências

AGUIAR, Andrea. Illusio. In: CATANI, A. et al. (orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ALONSO, Angela. Repertório, Segundo Charles Tilly: História de um Conceito. *Sociol. Antropol.* V. 2, n. 3, 2012.

ALONSO, Angela. *As teorias dos movimentos sociais: Um balanço do debate*. Lua Nova, num. 76, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Pour un mouvement social européen. *Le Monde Diplomatique*. Num. 543, Junho de 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*. Paris: Minuit, 1980.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[34]

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1994.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2ª edição, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Löic. *Sobre as artimanhas da razão imperialista*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de educação*. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais*. 3ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

JENSEN, Karl. *Teses sobre os movimentos sociais*. *Revista Marxismo e Autogestão*. Vol. 01, num. 01, jan./jun. de 2014.

MAUGER, Gérard. Autonomia e homologia dos campos. In: In: CATANI, A. et al. (orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. *Lua Nova*, 76, 2009.

MCCARTHY, J.; ZALD. M. Mobilização de recursos e movimentos sociais: Uma teoria parcial. *Movimentos Sociais*, Vol. 01, Num. 02, 2017. Disponível em:

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[35]

http://redelp.net/revistas/index.php/rms/article/view/692/pdf_10 acessado em: 14/10/2017.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. *CSONline*, Ano 1, num 02, novembro de 2007

TARROW, Sidney. *O Poder em movimento*. Movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIANA, Nildo. Abordagens sociológicas dos movimentos sociais. *Movimentos sociais*. Vol. 2, num. 03, 2017b. Disponível em: https://redelp.net/revistas/index.php/rms/article/view/02vianams03/pdf_15 Acesso em 15/10/2017.

VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Prismas, 2016.

RESUMO: O artigo apresenta um esboço de uma sociologia neoestruturalista dos movimentos sociais a partir da contribuição de Pierre Bourdieu. A partir da teoria dos campos e dos conceitos básicos de Bourdieu, o autor aponta para elementos do "campo dos movimentos sociais", enquanto elemento fundamental para compreender as ações coletivas de grupos sociais.

Palavras-Chave: Movimentos Sociais, Campo dos movimentos sociais, habitus, illusio.

ABSTRACT: The article presents an outline of a neostructural sociology of social movements from the contribution of Pierre Bourdieu. From Bourdieu's field theory and basic concepts, the author points to elements of the "field of social movements" as a fundamental element for understanding the collective actions of social groups.

Keywords: Social Movements, Field of social movements, habitus, illusio.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[36]